

DOU PORQUE . . .

Lola M. Williams

Publicado originalmente no ARAUTO DE SANTIDADE (1 DE SETEMBRO DE 1982)

Os homens que iam levantar a oferta estavam frente ao altar. O pastor pediu a um deles que orasse. A sua prece foi simples e directa: "Senhor abençoa o *Teu* dízimo e as *nossas* ofertas".

Nós damos o dízimo que pertence ao Senhor. Depois, com corações generosos damos ofertas—ou a nós próprios? As pessoas ofertam por diversas razões, umas boas e outras más. Billy Grahàm disse: "Deus deu-nos duas mãos—uma para receber e outra para dar". Examinemos alguns motivos.

Uns dão por mero dever. Não experimentam alegria, mas assumem uma atitude de "se eu devo dar, dou". Esther Burkholder disse-o desta forma: "Sentimos alegria em dar, quando o fazemos com espírito recto. Tudo depende daquilo que nós pensemos—quanto posso eu economizar... ou quanto posso partilhar?"

Dois agricultores assistiam à mesma igreja. Todas as vezes que abatia um animal levava os primeiros dez por cento da carne ao seu pastor.

Crescidas as batatas, o outro homem informava de má vontade ao pastor: "Tenho dez filas de batatas no meu campo. Uma delas é para si, mas terá de as arrancar e transportar". O pastor recolhia as batatas, mas certamente sem grande agrado, pois eram fruto dum dever.

Alguns dão por temor. Praticam o dízimo e dão ofertas, mas apenas com receio de que Deus os castigue se o não fizerem. "Deus ama ao que dá com alegria" (não com receio) (II Coríntios 9:7).

Uma das razões mais mesquinhas é dar para se mostrar. Na oferta de duas pequenas moedas da viúva pobre, Jesus disse que os ricos já tinham a sua recompensa. Ofertaram grandes somas de dinheiro para que toda a gente pudesse ver quanto davam.

Certa senhora que podia com o seu dízimo pagar todo o salário do pastor, só o dava quando presentia que ganharia algo. Pretendia manipular a igreja com os cordões da sua bolsa. "Eu darei tanto para a igreja se fizerem assim e assim". Com frequência, quando passavam os pratos da oferta, abria dois rolos de moedas que caíam com ruído no prato para que toda a congregação ouvisse. Era uma viúva, e dava a sua "moeda", mas aqui terminava a semelhança com a viúva da história de Jesus.

Há quem dê por considerá-lo um bom investimento. Esses defendem a doutrina pregada na terra de que se nós damos a Deus (geralmente significando dar para um programa religioso particular de rádio ou televisão), Ele nos abençoará com riquezas materiais. Em Malaquias 3:10, o Senhor promete que se dermos os nossos dízimos a ofertas, Ele derramará bênçãos abundantes, mas trata-se de bens *espirituais*, não promessa de grande conta bancária.

Outros dão por acharem que é justo. Um jovem tinha apostatado e reconhecia-o publicamente. Não obstante, continuou a dar o dízimo e explicava: "Quando eu voltar para o Senhor não terei de entregar todos os meus dízimos atrasados".

A maioria dá pelo razão mais excelente— por amor. Richard Braunstein disse: “É possível dar sem amar, mas é impossível amar sem dar”.

Gracinda estava no hospital com uma doença incurável. Ela testificava assim ao seu pastor: “Sinto-me feliz por ter dado fielmente o meu dízimo. Em breve irei ao encontro do meu Senhor. Eu dei a Deus, quando tinha saúde, porque O amava. Darei a Deus até à minha morte porque *ainda* O amo.

Winston Churchill disse certa vez: "Nós criamos um meio de vida com o que obtemos, mas um modo de viver com o que damos". Gracinda investira para a vida *eterna* com a sua atitude de dar a Deus com amor, o Dador de dons perfeitos. □